



POLÍTICA OPERÁRIA

COMBATER A DEMAGOGIA DOS GOVERNOS COM A LUTA NAS RUAS!

Nas escolas da rede estadual de SP, o período de rematrícula foi marcado por uma enorme incerteza para os estudantes em relação ao que virá em 2020. O governo Doria tem feito uma enorme campanha demagógica em torno das Escolas de Tempo Integral (ETI), do Programa Inova Educação SP e do Programa Novotec, como se fossem resolver todos os problemas. Afirma que irá “preparar o jovem para o mercado de trabalho”. Às famílias, Doria diz que aumentar o tempo de permanência do estudante na escola servirá para protegê-lo da violência. Enfim, a propaganda governamental pinta um quadro lindo, chegando ao ponto de prometer aulas de robótica e outras coisas do tipo.

Mas, o que a juventude deve esperar **realmente** para a educação paulista em 2020? O **Boletim Juventude em Luta** alerta: a situação só tende a piorar!

As análises indicam que a crise econômica se aprofundará, aumentando o desemprego, a miséria e, conseqüentemente, a violência. Em várias escolas, já se pode contabilizar as salas fechadas, principalmente no noturno. Com a sétima aula e a adesão de várias escolas ao Ensino Integral, os alunos trabalhadores dificilmente conseguirão conciliar os horários, restando abandonar os estudos. Os que ainda não ingressaram no mercado de trabalho

terão que suportar mais tempo na mesma escola falida, opressiva, antidemocrática e completamente distante da realidade.

Em várias unidades, as máquinas de xerox estão quebradas, falta merenda, falta isso e aquilo... Até papel higiênico falta! Não há condições para o jovem aprender, nem para o professor lecionar. E, para completar, o governo Bolsonaro tem avançado na militarização das escolas, com o argumento de combater a “indisciplina”. Na verdade, está reforçando o aparato repressivo do Estado nos locais de estudo para tentar bloquear o caminho de politização que a juventude vem trilhando desde as ocupações em 2015. Não há um só motivo para a juventude defender a presença da polícia, instituição assassina, no interior das escolas!

Aos estudantes, não resta alternativa: é preciso lutar em defesa de um sistema único de ensino, gratuito, público, laico, científico e sob o controle dos que estudam e trabalham. Os grêmios livres devem organizar o combate, em aliança com os trabalhadores e comunidades, erguendo os comitês em defesa da escola pública. É importante que o movimento estudantil levante a bandeira de “escola/turno fechado, é escola ocupada”! Não às ETIs, ao Inova SP e ao Novotec! Financiamento integral da Educação pelo Estado! Não à militarização das escolas!

A greve geral da Educação só não foi mais forte por causa do boicote das direções

Contra os ataques do governo Bolsonaro, várias entidades ligadas à Educação chamaram 48h de greve geral na Educação, nos dias 2 e 3 de outubro. Porém, a mobilização contou apenas com o apoio passivo das entidades sindicais, restrito a notas nos sites e declarações vazias, impedindo assim que os trabalhadores de base participassem do movimento ao lado dos estudantes.

Dias antes da greve, o ministro da educação, Abraham Weintraub, anunciou o desbloqueio de quase R\$ 2 bilhões do orçamento do MEC, mantendo ainda congelados R\$ 3,8 bilhões. Em seguida, anunciou o desbloqueio de 679 bolsas de pós-graduação (8 mil continuam retidas). Disse que “a crise está sendo deixada para trás com uma gestão eficiente”. Ou seja, negou a realidade da Educação no país. Mesmo com essas medidas, a greve foi mantida.

A **Corrente Proletária** participou da greve e do ato centralizado na Av. Paulista, defendendo a necessidade de retomar a greve geral, mais forte e mais organizada, contra as medidas antinacionais e antipopulares de Bolsonaro e do Congresso Nacional. Denunciou a entrega das riquezas do nosso país ao imperialismo e salientou que as massas seguem com disposição de luta, apesar da traição das centrais sindicais, que desviaram a luta para o beco sem saída das disputas no Parlamento e para o eleitoralismo.

Somente com uma luta independente, classista e sob a estratégia e táticas próprias do proletariado é que a classe operária, a juventude e demais explorados poderão derrubar os ataques à Educação e as outras medidas que destroem suas condições de vida. Por uma nova greve geral, mais organizada e combativa!

A MISÉRIA E A VIOLÊNCIA SOBRE A JUVENTUDE SÃO OBRA DO CAPITALISMO APODRECIDO

Tem avançado a barbárie sobre a juventude, no Brasil e no mundo, com suas múltiplas faces: os homicídios, a fome, os suicídios, o desemprego/subemprego, o sucateamento dos serviços públicos, entre outras. Vejamos alguns dados:

- De acordo com o Atlas da Violência 2019, publicado pelo Ipea, **35.783 jovens** (entre 15 e 29 anos) foram **assassinados** no Brasil, em 2017;
- Em 2018, das 6.220 **mortes decorrentes de intervenções policiais** no Brasil, **77,9%** tinha entre 15 e 29 anos, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública;
- A **taxa de desemprego** entre jovens de 18 a 24 anos no Brasil, em 2018 (dados do IBGE), era de **25,2%**;

- O **suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens** com idade entre 15 e 29 anos, conforme dados da OMS.

A grande mídia e a burguesia conservadora atribuem a raiz desses problemas a uma questão de caráter e de vontade individual. Em outras palavras, colocam a culpa nos próprios jovens. Apontam, a partir desse diagnóstico, saídas demagógicas que vão de medidas educativas à repressão.

Pior, acabam se utilizando desses problemas, de forma oportunista, para justificar outros ataques à juventude: ora com a militarização das escolas, como se fosse combater, assim, a violência no interior das unidades de ensino; ora apontando as pri-

vatizações e outras ações de “ajuste fiscal”, visando supostamente melhorar as condições de vida dos brasileiros, particularmente da juventude – como fizeram com as reformas trabalhista e da previdência.

No caso da militarização das escolas, mascaram o verdadeiro interesse de impor o autoritarismo nas instituições, acabar com a autonomia do movimento estudantil e deixar a educação da juventude explorada nas mãos dos grandes monopólios do setor.

Dessa maneira, concluem sempre ocultando a causa verdadeira, que é o capitalismo. A desigualdade social e a falta de perspectiva, causadas pela crise estrutural do capitalismo, são a verdadeira

origem da condição a que os jovens são submetidos.

A Corrente Proletária Secundarista defende que a juventude deve enfrentar cada sintoma da barbárie capitalista com o método da ação direta, no campo da independência de classe. Deve erguer as reivindicações elementares, como: emprego a todos os jovens; trabalho igual, salário igual; escola pública gratuita, laica e científica, vinculada a produção social e sob o controle dos que estudam e trabalham. É preciso lutar pela revogação das reformas antipopulares e antinacionais! E, sobretudo, ligar essas reivindicações ao programa da revolução proletária e do socialismo.

Escolas cívico-militares: Doria segue alinhado com Bolsonaro

O governador Doria mostrou que segue alinhado com Bolsonaro, ao aderir ao programa das escolas cívico-militares. O MEC lançou o programa no mês de julho, sendo que os estados deveriam aderir de forma voluntária. Até o final do prazo, 15 estados e o Distrito Federal tinham aderido ao programa, todos do sul, norte e centro-oeste, além dos estados de Minas Gerais e do Ceará, governado por Camilo Santana, do PT.

Alguns dias depois, o governo de São Paulo fez uma solicitação para que o MEC ampliasse o prazo de adesão e declarou sua intenção em participar do programa. Essa novela, no entanto, parece não ter acabado: diante da declaração do secretário de Educação de SP, Rossieli Soares, de que “*não havia entendido bem a proposta*”, o governo federal passou a colocar obstáculos à adesão de SP.

Isso tudo, no entanto, não passa de um teatrinho sem graça e sem importância. O que interessa realmente à juventude são as mudanças pretendidas: o projeto diz que cabe às forças armadas, polícias e corpo de bombeiros apenas a parte administrativa e disciplinar, ficando a parte pedagógica para as equipes da Secretaria de Educação. Mas, sabe-se que os estudantes deverão seguir as regras determinadas pelos militares: uso de fardas, filas para

entrar e sair da sala, cortes de cabelo padronizados, posição de sentido na entrada do professor etc.

O mais grave é a proibição de atividades políticas por parte dos estudantes. As escolas militares que já existem nos mostram o que pode acontecer: em Anápolis, GO, o regimento diz que o grêmio deve ser composto por estudantes, um membro do corpo docente, um da comunidade e um da equipe militar. É gritante a quebra da autonomia do movimento estudantil.

O grêmio deve ser um instrumento autônomo de organização estudantil, é uma instituição essencialmente política e tem como tarefa mobilizar os estudantes e lutar por suas reivindicações, de forma independente da direção, dos governos e das forças policiais.

A polícia é o braço armado do Estado, age como defensora de seus interesses e não dos interesses dos explorados. Bate, prende e mata a juventude nas periferias e favelas, é expressão da barbárie capitalista em que vivemos. Por estes e outros motivos, deve ficar longe das escolas! O Boletim Juventude em Luta defende: nenhuma escola militarizada! Liberdade de organização para os estudantes!

DICIONÁRIO MARXISTA

ESTA SEÇÃO É VOLTADA À FORMAÇÃO POLÍTICA DA JUVENTUDE.
CONFIRA OS VERBETES ANTERIORES NO NOSSO BLOG!

ESCOLA VINCULADA À PRODUÇÃO SOCIAL

– a escola que existe é sucateada, memorística, enfadonha, repressiva e desvinculada da realidade dos estudantes. O que prevalece é a barbárie. De acordo com o Censo Escolar 2018, do Inep, apenas 38,1% das escolas municipais de educação infantil têm banheiro adequado aos alunos – só para citar um exemplo. Nessa escola, a teoria comparece separada da prática, o máximo que consegue fazer é simular o mundo real.

Isso acontece porque o capitalismo, diante da crise de superprodução, não pode permitir o encontro entre a ciência e a produção social. Se o permitisse, a capacidade produtiva seria potenciada e a crise se aprofundaria. Por essa razão, o

desenvolvimento tecnológico fica represado, sendo que os saltos são tímidos diante da enorme capacidade criativa da humanidade, além de restringir as novidades produzidas pela ciência a uma minoria que pode pagar.

A escola vinculada à produção social é aquela que permite unir a teoria à prática. Nela, a juventude aprenderá através da interação com a produção social, aplicando o método investigativo da ciência. Pressupõe a destruição da escola burguesa que existe hoje, além de implicar o fim da propriedade privada dos meios de produção. Essa transformação é, portanto, parte da revolução proletária e, sendo assim, não é um plano para o futuro, deve-se lutar por ela desde já!